

MOMENTO *feminino*



SAUDAMOS EM VOCE, AMIGA COMERCIAL, NESTE 1.º DE MAIO QUE SE APROXIMA, TODAS AS TRABALHADORAS DO BRASIL

NOSSOS PROBLEMAS

OS ÓRFÃOS DO MUNDO INTEIRO ESPERAM POR NÓS

ARCELINA

Hoje, ao contemplar a tranquilidade de minha filha no seu sono de recém-nascida e ao vê-la despertar com um olhar muito vivo e feliz, lembro-me das nossas responsabilidades de mães, dia a dia crescentes, ante as ameaças de uma nova guerra, que arrastaria os povos a profundos sofrimentos e misérias.

Não há quem possa esquecer os 13 milhões de orfãos que povoam o mundo, sacrificados pela guerra passada. São crianças que tinham carinho e afeto constantes dos parentes, tinham teto, leite, escolas e brinquedos; crianças que diziam "mamãe" e "papai" e podiam ser felizes. Veio a hecatombe, perderam seus lares, o belo materno, o afago dos pais, que tombaram nas batalhas ou foram sacrificados nos campos de concentração. E a esses orfãos restaram a tristeza profunda para toda a existência, as mutilações e um estado neurótico ainda não superado.

Eis o que se ganha numa guerra.

Mas, queridas amigas, são essas mesmas crianças que nos olham angustiadas gritando a todas as mães de todos os países, que de nós dependerá a repetição de seus sofrimentos em outros milhões de orfãos, mutilados e desajustados.

Terão direito essas crianças de nos acusar no futuro, se, hoje, não lutarmos para assegurar-lhes uma vida de conforto, de progresso e de tranquilidade?

Que nos resta fazer? Cruzar os braços indiferentes ou amedrontadas ante as ameaças crescentes e preparação acelerada da guerra? Não, minhas amigas. As vozes das crianças do mundo inteiro não saem dos nossos ouvidos e para responder-lhes devemos fortalecer nossa união.

CONTRA OS FAZEDORES DE GUERRA

fortalecendo o trabalho das mulheres, por sua empenhosa e pela felicidade de seus lares.

Nosso dever é impedir a destruição, a carnificina, o luto, que virão depois de uma luta desumana entre os povos.

x x x

Contemplando o semblante sereno de minha filha, veja as crianças de todas as patrias num olhar de angústia para as mães, como que a pedir garantias de vida, tranquilidade, esperanças, direito de sorrir e de ter pais, num mundo de verdadeira Paz, que todos mereçam e que a todos deva ser dada.

"Nossas forças são imensas e todas ganharemos a Paz".

de nossos amigos, residentes no Eng. de Dentro.

1 de abril — Jomar, filhinho de D. Segovia da Silva, presidente da Assoc. Feminina da Favela, D. Federal.

2 de abril — Elson completou 4 anos, filhinho de D. Lourdes e de seu esposo sr. Geraldo Araújo.

5 de abril — Completou 2 anos a garotinha Laura.

9 de abril — Completou 8 anos o menino Osiris Garcia Rosa de Matos Faro, residente em Campo Grande, EFCB.

9 de abril — A menina Margarida, filhinha do escritor Dalcídio Jurandir Pereira, completou 7 anos.

11 de abril — Silvia Chalreco, nossa incansável e estimada secretária.

11 de abril — Bertina Blume, associada da União Feminina de Madureira, D. Federal.

13 de abril — Ana Montenegro, redatora de nosso jornal.

16 de abril — Reginaldo e Edison, filhinhos de Stelinha e Walter Paula dos Santos, do Distrito Federal.

18 de abril — Completou 1 ano o menino Ricardo, filhinho de Judith Mota Lima, nossa amiga.

18 de abril — Luiza Regis, Gerente de nosso jornal, e que tem dado, todo o seu esforço pela vida e difusão do MOMENTO FEM-



Arcelina, autora de Santo André — Estado de São Paulo

De Semana em Semana

ENEIDA

Não se sabe mais nada neste país: estamos em abril, maio vem aí e o tempo é de um verão sem dignidade ou de um inverno sem caráter. Apenas um convite às gripes. Anda tudo tão e tão desentranhado neste nosso gigante eternamente deitado e adormecido que falar em Paz dá cadeia e falar em qualquer coisa que seja necessária à vida é estar no index e ser levado para a rua da Relação. Um triste panorama. Nossa Paz foi banhada em sangue e prisões; e as mulheres que lutam contra a vida cara já foram apontadas, com o dedo, para a polícia. Isso é de país decente? Mas não há de ser nada. O Congresso de Paz realizado em Paris não contou com a delegação do Distrito Federal, mas foi um Congresso que fez tremer de ódio as mandíbulas de todos os fazedores de guerras. Quanto ódio, meus Deus! Quanto desespero! O povo diz que "quem não deve não teme" e os pró-guerra temem tanto... Depois as notícias da China não são boas para muita gente... Os ingleses resolveram "possessar" de navio entre duas forças em luta. Bala tem letreiro? E que passeio tolo... Parece a história dos "tiras" feridos na UNE. Eles atiram tanto que acabam atirando em si mesmos. Bala tem letreiro? E há mais: a polícia resolveu que todo aquele que tiver bigode deve ser livrado desse peso. Iniciou a grande campanha contra essa vaidade masculina. Criou uma bandeira: "arranquemos os bigodes". Ela já arrancava unhas, etc., mas ainda não tomara uma atitude assim de "gosto mundano". É botar os bigodes de molho, ó vós

que levais horas e horas diante do espelho alinhando esses adornos. Neste país, declara o general Lima Camara, ninguém pode ter bigodes! Ninguém pode nada, isso é que é verdade. Vem aí o 1.º de maio, data internacional do trabalhador. Mas só o Ministério do Trabalho pode comemorá-lo. Porque está tudo bem organizado, bem arrumado e se alguém fora da gente do governo falar em 1.º de maio, lá se vão os bigodes... Mas no meio de tudo isso — Senhor, quanto descaibro! — estão as mulheres preparando seu Congresso Nacional que será nos dias 23, 24 e 25 de maio. As Convenções femininas daqui e dos Estados foram demonstrações eloquentes de que as mulheres não temem os rótulos (no Brasil todo mundo é rotulado) e que querem conversar entre si, examinar seus problemas, ver a melhor maneira de, pelo menos, suavizá-los. Confesso que, apesar de mulher, esta cronista acreditava pouco na capacidade de luta da mulher brasileira. Mas essa opinião foi totalmente modificada. Bato no peito para dizer que errei e que hoje vejo com entusiasmo esse movimento que é a Associação Feminina do Distrito Federal; o entusiasmo que senti naquela noite de instalação da Convenção na ABL. Mulheres de todas as idades e de todas as condições sociais dizendo sua vida, seus desejos, sua vontade de ser alguém. Creio muito neste país, apesar do triste panorama atual. E peço perdão às mulheres de só agora acreditar nelas. Mas, juro, agora acredito muitíssimo.



Jacem Shirley Campos de Santo André — Estado de São Paulo

SOCIAIS

★ NASCIMENTOS

No dia 21 de janeiro p. p. o primeiro menino Carlos Roberto, filhinho de Aba e Antonio C. Regis, de Santo André — Estado de São Paulo.

primeiro aniversário o menino Luiz Carlos, filho de Rui Barroso e de sua esposa D. Aurca Barroso, moradores em Laranjeiras.

No dia 27 de fevereiro, último, em Maricá, Estado do Rio, nasceu uma linda menina — Indalecia — filhinha de D. Iris Campos Freire e seu esposo Eduardo Freire.

★ BATIZADOS

Foi levada a pia batismal, no domingo, dia 3 do corrente, a menina Gilda-Olga, filhinha de D. Djalma Cusatis Faria e de seu esposo sr. Gilberto Faria Sobrinho, moradores em São Cristóvão. Foi oferecida uma lanta mesa de doces aos amigos presente.



O garotinho Carlos Alberto na dia de seu primeiro aniversário

★ CASAMENTOS

Casaram-se no dia 11 do corrente o sr. José Fernando Pereira L. pes, com a senhorita Elza Loureiro, associada do Comitê de Mulheres Pró-Democracia.

★ ANIVERSARIOS

30 de março — Completou seu

30 de março — Completou 2 anos o menino Jair, filhinho de D. Lourdes Araújo e de seu esposo sr. Geraldo Araújo, desta cidade.

30 de março — Completou seu primeiro aniversário o robusto menino Carlos Alberto, filhinho

Ato Publico

Atendendo a gentil convite, compareceu MOMENTO FEMININO no primeiro de abril, à sede do Instituto dos Arquitetos, para assistir a sessão promovida pela Comissão Organizadora de Defesa da Paz da Marinha Mercante. Perante grande assistência, foi lida pelo secretário, uma carta do capitão Pessoa de Andrade, da Associação dos Ex-Combatentes, justificando a ausência, mas aceitando o encargo de Presidente de Honra da Comissão dizendo que lutará sempre por uma paz duradoura, ao lado do pessoal da Marinha Mercante, tão sacrificada

da pela última guerra, pois para 470 vítimas da FEB a FAB houve mais de 2.000 da Marinha Mercante.

Em seguida constituiu a mesa com os seguintes elementos: Drs. Valério Konder e Aristides Saldanha, representantes da Organização Brasileira de Defesa da Paz e da Cultura; dona Alice de Albuquerque Faria, viúva do Comissário do vapor «Cabedello», Acácio Farias dos Santos; dona Alexandrina Paca, representante do MOMENTO FEMININO e representantes dos Portuários do Rio de Janeiro.

NOSSA ENQUETE MEUS ALUNOS

É tão vibrante e patriótica a voz das mulheres cariocas em defesa da Paz que achamos importantíssimo criar uma enquete para que as moradoras de todos os bairros, as mulheres das mais diversas profissões e camadas sociais, pudessem dizer o quanto odeiam a guerra e como esperam construir num Mundo sem carnificina, num Mundo de Paz.

Respondem hoje, às nossas perguntas, duas donas de casa e uma estudante, moradoras todas em Vila Isabel.

QUESTIONARIO:

- 1) Qual é a maior ambição de sua vida?
- 2) Acha que poderá realizá-la se houver uma nova guerra?
- 3) O que precisamos então fazer para que haja Paz no mundo?

AS RESPOSTAS DE HOJE:

— de Maria Julia Barbosa — 1) Encontrar uma casa para alugar, onde possa morar tranquila e assistir ao prolongamento de minha vida através da vida feliz dos meus filhos. 2) Não. Pois a situação em que me encontro ainda é fruto da guerra tão presentemente passada e, havendo nova guerra, tudo seria muito mais horrível e desastroso. 3) É preciso haver um união de todas as mulheres do mundo para terem força para barrar a fúria assassina dos tazedores de guerra.

— de Mariana Rezende — 1) Ver meus filhos crescidos: Homens de moral elevada, honestos e com uma instrução sólida. 2) Não acredito. Pois uma guerra agora só trará novos problemas nacionais. Mais misérias e mais fome para o nosso povo. 3) Nos unirmos aos povos livres e amantes da Paz e gritarmos alto contra os propagadores de uma nova guerra.

— de Ruth Ferreira — 1) Completar os meus estudos com pleno êxito. 2) Será seriamente dificultada minha ambição, pois a guerra traz sempre dificuldades para todos os povos que aspiram prosperidade. 3) Devemos nos unir e lutar para um mundo melhor.

JORNADAS

ANA MONTENEGRO

Agora, voltaremos em busca de lembranças, pelas mesmas estradas, então já percorridas... As sandálias, apenas, e a túnica solta ao vento, qual novos peregrinos.

Caminharão as mãos — aquelas que colheram, na árvore da vida, o fruto bom do amor. E não encontrarão as sementes — vidas novas do fruto — nem florescendo, nem perfumando, nem colorindo,

Estranho amor aquele, entre o corpo do homem e o corpo da terra — sem beijos, sem calor, sem palpitir de sangue; áspero e [de frio —]

E, sob a maldição da boca dos canhões, nasceram os filhos seus — as cruzes pequeninas, nuas, ao vento, à chuva: são pedaços de morte, no espaço [azul da vida...]

E o vento, que se estira pelos longos caminhos, repete, aos ouvidos dos novos peregrinos, as passadas vozes da desesperação, estranguladas, estertoradas, soluçantes, angustiadas,

rasgando o seio branco das montanhas geladas, nas frias [madrugadas; abrindo, em fendas, as paredes ensanguentadas das prisões; cortando, em retalhos inúteis, os muros de arame das cidades malditas.

Voltando encontraremos, nas eternas lembranças, o segredo [da eterna força.

E a maldição sairá da nossa própria boca, sob a forma de [luta, nessa grande jornada, a jornada da PAZ, através do futuro, contra os que preparam (malditos assassinos!) cruzes aos [milhões,

nuas, ao vento, à chuva: são pedaços de morte no espaço [azul da vida...]

BREVEMENTE:

"MORADA DA PAZ"

POEMAS

DE

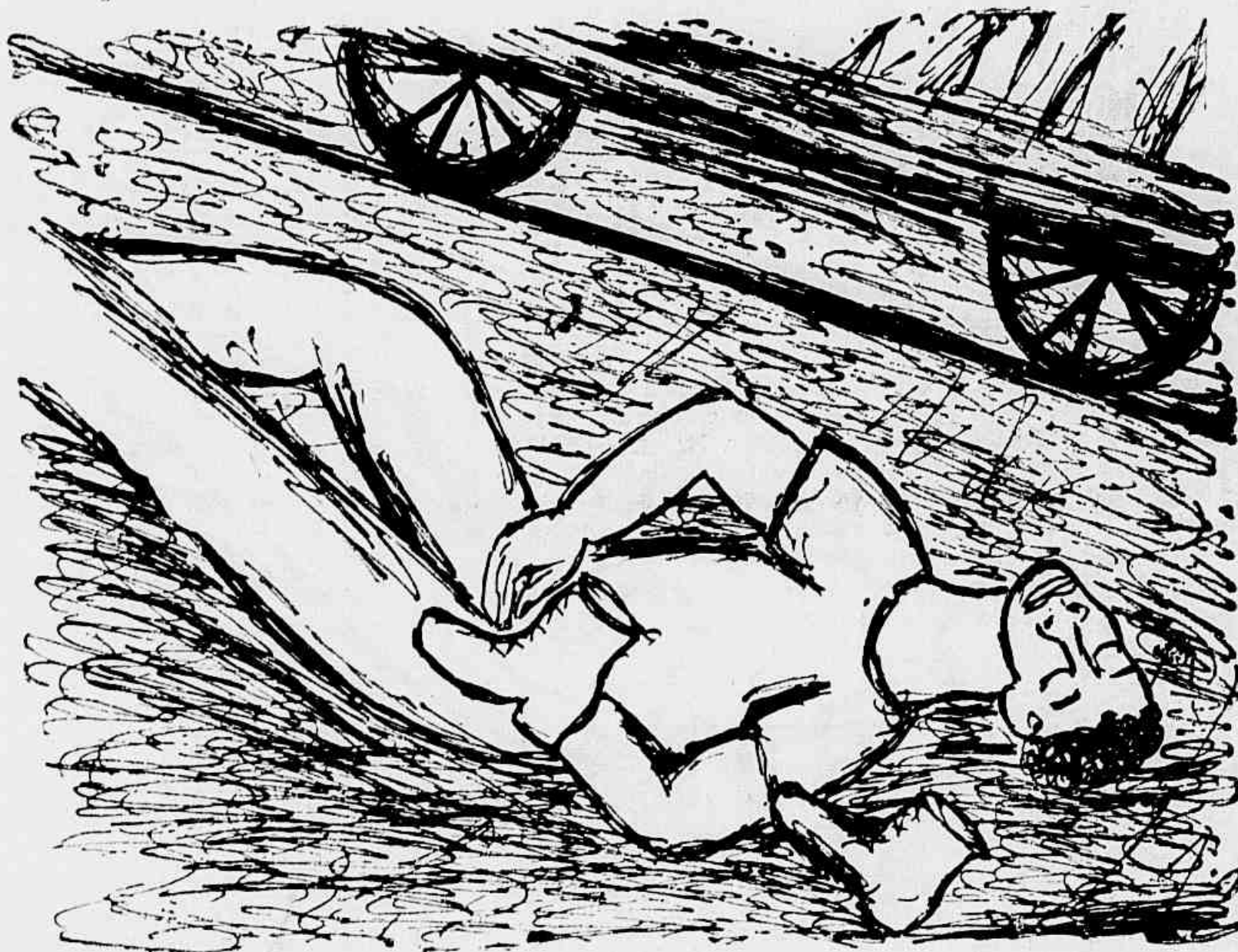
JORGE MEDAUAR

EDIÇÕES "LITERATURA"

MULEQUE BERLADO

Por MARIA ISABEL SILVA CAMARÃO

(Ilustração de Durval Serra)



Moleque Abelardo ia fazer 14 anos quando morreu. Era um molequinho desengaçado, feio e arretado como um macaco velho. Muito comprido, pernas cinzentas, braços esticados, corpo magro e ossudo de negro retinto e sem brilho. Cabelo encarapinhado, sombrancelhas como dois tufo de capim barba de bode, olhos espartos e dentes de cangica.

Seu nome todo era Abelardo Querubim Ambrosio. Na escola porém os colegas o chamavam de "Moleque Berlado" porque era endiabrado o menino tição!

Vitava tinteiro, batia batuque na perna da carteira, brigava na porta da escola, não fazia as tarefas e gostava de arreter todo o mundo!...

Moleque Abelardo foi meu aluno, numa classe de terceiro ano misto. O que me assustava naquele "Saci-pererê" é que tinha dois gostos pronunciados, aditava o amarelo e era de uma graça espontânea quando escrevia.

Essas duas preferências do menino me chocavam e divertiam ao mesmo tempo. Pois o meu moleque vivia a desenhar pelos cadernos, uns grandes sóis redondos e violentos como gema de ovo cozido; bolas e paisagens estranhamente amarelas, de um amarelo antipático e irritante como um grito de araponga!...

Num velho caderno de Linguagem que ninguém reclamou achei estes dois farrapos da alma inquietada e ingenua do moleque:

"Minha Bandeira"

A minha Bandeira tem quatro cores. Uma cor de verde bonita, mais bonita que a pedra de vidro do anel de tia Leona.

Um azul mais de cor que olhos de boneca!

Um amarelo mais amarelo que o cabelo da filha do homem rico para quem minha mãe lava roupa. Um branco grosso, como o leite que fica escorrendo da boca do meu irmãozinho Miguel Arcaño Cabriel depois que a mamãe pega ele no colo.

Eu sou um moleque feliz, tenho a bandeira mais linda do mundo!

Um dia mandei as crianças descreverem uma mangueira que se vestia de flores no quintal da escola.

Aqui está a descrição de Abelardo:

"Mangueira"

A mangueira da escola está com flores... Com flores velhas e novas. As velhas são escuras como os buracos da rua, as novas são claras como a rizada das crianças!... O tronco da mangueira até desaparece de tanta flor!... Um galho ficou dependurado como um braço quebrado.

A mangueira vai dar frutas grandes e doces como melado.

As raízes são grossas como as cobras do Butantan.

Perto da mangueira tem uma casa onde mora uma velhinha que não gosta de flor e nem de mangas. Vive reclamando por ter de varrer todas as tardes aquela florada tão cheia de abelhas... Coitada é que ela não tem mais dentes para chupar mangas e quase não enxerga mais o branco das flores!

Era assim Abelardo, suave e travesso, feito de pedaços de nuvens e retalhos de borrasca. Todos os dias eu passava pito no moleque, mas em vão, ele continuava colorindo tudo de amarelo e fazendo as suas diabruras.

Um dia a mãe do Moleque Abelardo, a Nha-Maria veio à escola: — Moleque precisa trabalhar Dna. Professora. — Pai de Moleque morreu e moleque tem três irmãos: dois práticos de comê.

A tristeza do pobre, deixar o livro pela fábrica. Insisti, mas a mãe não se moveu.

Depois disso encontrei-me várias vezes com Abelardo. Quando me via, de longe, já se abria num grande e branco sorriso.

— "Você não tem saudades da escola Abelardo?"

— "A voz do moleque vinha grossa e já saturada de ironia."

— "A vida de moleque é essa professora... escola só foi feita pra menino rico, filho de pobre, não é gente professora?"

— "Escute Abelardo, no que você trabalha?"

— "Enrolo sapólio e ganho Cr\$ 6,60 por dia. Olhe professora, já comprei um terno amarelo que é uma festa e logo se Deus quiser vou comprar umas botinas de elastico" — e sorriu... (no sorriso de Abelardo eu li que as botinas seriam da cor do terno!...)

Num 28 de Março muito azul e luminoso aquilo aconteceu.

Abelardo vinha da fábrica que ficava lá para os lados do Belém.

Recebera o ordenado e da nota de Cr\$ 200,00, tirava Cr\$ 50,00 para uma linda botina ringideira e loucamente amarela.

Vinha feliz o Moleque dependurado no estribo do bonde, que como sempre estava apinhado de gente!...

Mal a sua mão escura e maltratada dava para se agarrar ao balaustre do coletivo. Sob o braço esquerdo Abelardo apertava fortemente a caixa das botinas douradas. De repente a um solavanco forte o menino estatelou-se no calçamento, e o reboque esmagou o corpo escuro, transformando-o em uma poça de carne e sangue. Moleque era preto e filho de pobre, foi para o Necrotério do Araújo.

Assim que soube fui vê-lo; lá estava o meu "moleque-poeta" que achava a nossa bandeira a mais bonita do mundo e tinha dó da velhinha que não gostava de flores!...

Moleque Abelardo estava estreitando o terno amarelo e as botinas cor de sol... Tinha um geitinho triste no rosto humilde, e nas mãos cruzadas parecia pedir perdão por ter deixado a vida tão cedo...

Num canto, dois pretinhos maltrapilhos olhavam assustados enquanto o terceiro no colo da mãe se fartava de leite. Meu coração se apertou e eu pensei: "Porque umas crianças pod m brincar, estudar, enquanto outros nascem para servir de carne para as fábricas? Porque não há quem olhe esses bondes que todos os dias andam comendo vidas humanas?"

A Mãe de Moleque Berlado ergueu o rosto e vendo-me ali foi dizendo num soluço manso: — "Pobre Moleque, filho de gente pobre nasce pra morrer... Amanhã ele já faz 14 anos... Tava contente o meu Moleque!... Pobrezinho do meu filho, se não precisasse ganhá a vida tava ainda na escola e não tinha acontecido isso!"

Meu "Moleque Poeta" que gostava do amarelo e sabia escrever coisas tão profundas, no coração da sua professora haverá sempre um cantinho para você!...

Ali sobre o mármore frio, você me deu uma das maiores lições da vida:

— "Filho de pobre não é gente, professora".



UMA ANEDOTA SOBRE VOLTAIRE

Se vocês já leram a Bíblia, conhecem a história de Sansão que, armado de uma queixada de burro, derrubou mil filisteus.

Poi bem, jantando certa noite num restaurante de Paris com um de seus conhecidos, homem de pouca inteligência e de grande apetite, Voltaire viu-o, com assombro, devorar uma incrível quantidade de camarões. O genial escritor francês, autor de "Zadig", de "Candide" e de outras obras primas da literatura universal, contemplava admiravelmente o companheiro, cujos maxilares não descansavam no trabalho de mastigação da enorme travessa de camarões. Afinal, dando-se por satisfeito, o glutão suspirou, empurrou o prato e disse:

"Como Sansão, dei cabo de mil filisteus!"

"E com as mesmas armas..." — concluiu maliciosamente Voltaire.

das a favor dos artistas! É um apelo que fazemos ao Sr. Prefeito e ao Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura, com a ajuda do Dr. Maciel Pinheiro.

Mas, voltamos ao salão. Seria longo enumerarmos as mulheres que participam da Exposição Municipal. O certo é que muitas de nossas artistas estão presentes nas várias seções. Destacamos aqui nomes como Haydée Santiago, Olga Mary, Faiga Ostrower, Renina Katz, Maria Franceline, Elza Wedege Arêde, Paulina Kaz, Noemi, Lyzette Almeida, Gilda Gelmini Wenberger, Caterina Barateli, Sinhá D'Amora, Georgina de Albuquerque, Candida Menezes, e muitas outras.

Pedimos às nossas amigas e leitoras que adquiram o hábito de visitar os salões de Arte, principalmente as grandes mostras anuais que são o Salão Nacional de Belas Artes, no Museu e o Salão Municipal no Ministério da Educação. Faremos sempre os nossos convites nos momentos oportunos.

SENTINDO "POEMAS AO MEIO-DIA"

Leiva Laria Borba

Não é possível fazer calar as vozes que veem de dentro quando a alma está embriagada de luz... A poesia de Maura de Sena Pereira é uma expressão viva de beleza, é imagem luminosa do seu espírito creador. Seu belo livro "Poemas do meio-dia" primeiro da nova coleção fotostática "Poesia moderna", além da originalidade da apresentação, é um clamor de sinceridade exaurido do íntimo, um grito veemente de vida, de amor, de liberdade. Traz no veludo do seu espiritualismo, na harmonia do seu ritmo, a satisfação forte de viver unida a uma estreita adaptação dos seres e das coisas.

Já havíamos tomado conhecimento do vigor poético de Maura de Sena Pereira, por ocasião da festa de aniversário do pianista folclórico patriciano Fioravanti Testa. Naquela ocasião, ouvimo-la declamar a sua admirável "A marcha da alegria" que rompe a marcha vigorosa e humana da energética investida dos seus "Poemas do meio-dia". E travando conhecimento com a magnífica estrutura do seu temperamento artístico e poético, sentíam-nos só o sabor estético da sua forma, como também tocáramos comovidamente a alma que substancia a razão do seu esforço creador. E Maura de Sena Pereira revelou-se para nós

indiscutivelmente um dos grandes valores da nossa poesia moderna, repousando o seu talento numa plenitude de realização que deixa a alma da gente sem poder exigir mais.

Agora, livro na mão, a nossa sensibilidade vai bebendo a beleza cada vez mais surpreendente da sua arte magnífica. Seu canto toma agora acentos de profunda magnitude no impulso viçoso dessa "Libertação". Vai-se sentindo a alma a criar outra forma dentro da própria forma naquele desejo inquieto de fuga, de infinito, de imensidão, de purificação... E agora, mais adiante, a força paga desse "Jurerê-Mirim" na integração forte da terra e da mulher, no contato heróico do ser humano com a natureza, numa só pulsação de vida. A mesma robustez, o mesmo vigor rutilante de há pouco no "Poema do fogo ardente" em que uma visão aterradora e pujante se transforma em sonho doloroso, hábaro, cheio de estranho encantamento... Vai-se folheando. Embebida do panorama social e do desejo humano de co-geração, de um profundo sentimento de fraternidade, apresenta-nos o seu "Quero ajudar", e "O poema que eu não escrevi". Mas a sensibilidade da gente voltando e se detendo no amor palpante, na verdade nua e crua deste "Em verdade te digo", talvez porque, abarcando sentimentos tão nossos, expres-



TEATRO

DONA CLARA

Com o "Teatro dos Doze" e a sua realização em "Arlequim", ainda no cartaz do Teatro Giannastasio, estamos mais uma vez constatando as preferências de nosso público pelo bom teatro. O acontecimento que foi a apresentação de "Hamlet" e que destacou desde logo Sergio Cardoso como um caso excepcional de artista está agora sendo confirmado para a nossa proclamação de opinião de que os sucessos mais marcantes coincidem sempre com os verdadeiros espetáculos de arte.

Assistimos a peça de Goldoni, "O servidor de dois amos" e sentimos a tentação de conversar com as nossas leitoras sobre esse grande autor italiano que em 1700 realizava um dinamismo espantoso na sua atividade de autor teatral. O poeta cômico foi um mestre da ironia italiana, castigando os costumes e os sentimentos já dominantes no seu tempo e que ainda hoje apresentam uma atualidade impressionante. Goldoni, usando ainda as máscaras no teatro ficou caracterizado pelo seu teatro sem máscara — lá estavam os personagens humanos revelados na sua essência e sentidos pelos comparsas de seu tempo. Arlequim continua dentro do seu tempo, ainda vive hoje naturalmente com outras roupagens, falando uma linguagem diferente e exibindo um libera-

lismo de nova etapa social. É por isso que a ação passada em Veneza no ano de mil e setecentos e quarenta e cinco está em dia.

O conjunto de comediantes da Empresa Lauro Brito é uma reunião de jovens artistas com as melhores perspectivas. Sobressaem duas figuras em Arlequim: Sergio Cardoso e Jaime Barcellos, sem que se desmereça o trabalho de todos os artistas.

No fim do espetáculo de Arlequim o espectador que viu Sergio Cardoso no "Hamlet", sai convencido de que o rapaz é um artista. Ninguém lembra o primeiro grande personagem, lembra é o novo personagem mesmo. Essa marca é a maior garantia numa carreira teatral que se inicia já com foros de consagração. Paschoal Carlos Magno, que é uma figura tão saliente pelo que tem realizado no Teatro do Estudante, deve sentir a sua participação num êxito tão expressivo como o de Sergio Cardoso. Não é possível, entretanto, deixar de elogiar a direção da nova peça que esteve a cargo do dr. Wolfgang Hoffmann Harnisch.

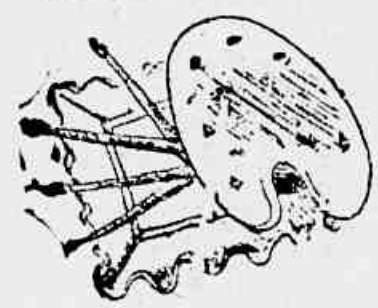
Desligado do Teatro do Estudante, Sergio Cardoso e seus companheiros ingressaram de verdade em nosso teatro profissional defendendo com uma coragem digna o Teatro de Arte.



Dona Clara, com 5 anos, fantasiada de cigana no espetáculo

se aspirações as mais íntimas, e a manancial fecundo. É o voto reunindo emoções que já viviam imprevisas, mas latentes, na alma da gente...

Dizer mais, para que? Falar de tudo é nada dizer. Para-las são sempre pequenas para-las de escrever a grandiosidade do impulso creador. Preferível senti-lo em sua própria fonte, matar a sede de encantamento no



ARTES PLÁSTICAS

SILVIA

O 1.º Salão Municipal de Belas Artes inaugurou-se no Ministério da Educação com um conserto de canto e piano em que tomaram parte a soprano Luizita da Silveira e a pianista Esther Nalberger. Estiveram presentes ao ato o Prefeito Mendes de Moraes, o Arcebispo do Rio de Janeiro e muitas outras autoridades representativas. Foi a primeira vez que um salão oficializado se inaugura em grande gala, quase às 11 horas da noite. Os artistas da sociedade carioca fizeram a sua performance. Os mais modestos compareceram em roupas comuns dando um aspecto pitoresco à assistência. Os convidados deram grande brilho ao espetáculo de elite.

Muito tem sido falado o nosso primeiro salão da cidade que merecendo alguns reparos na sua organização, distribuição de prêmios e mesmo bom gosto na arumação deve ser elogiado como uma iniciativa necessária. Dizem alguns críticos-pintores ou cronistas de arte, que a mostra foi das piores e algum até insinuam o fechamento do salão Municipal, provavelmente para esperar que surjam melhores artistas ou que os nossos artistas produzam melhor. Aliás, conversas desse tipo, de caráter nada construtivo proliferam anualmente nas rodas de entendidos, todos os anos durante o salão oficial. Qual será o processo mais eficiente para o nosso progresso no terreno das artes plásticas? Estamos convencidos que é mesmo este de dar oportunidade aos artistas para a exibição de suas obras e a possibilidade de uma crítica que os faça melhorar o trabalho de arte. Então, porque negar o valor e a realidade do salão Municipal?

É bem verdade que muitos de nossos pintores ou escultores não concorreram ao 1.º Salão, mas estamos certos de que também muitos artistas fraquíssimos deixaram de comparecer. Ora, haveria, com todos, um maior número de quadros — mais alguns bons e outros mais fracos. O salão guardaria o seu equilíbrio atual.

De qualquer forma é preciso ficar bem claro que este salão de 1949 é um bom espelho da pintura brasileira no Distrito Federal. Os chamados gerais que também são acadêmicos, como muitos dos modernos, estão representados tal qual são. Pintores, Escultores, Artistas-pintores, Artistas-escultores, ceramistas, etc.

Merece aplausos o Prefeito do

A MULHER NOS 5 CONTINENTES

2º CONGRESSO INTERNACIONAL DE MULHERES - BUDAPEST 1948

(Continuação do número anterior)

RESOLUÇÕES SOBRE O INFORME DA ATIVIDADE DA FEDERAÇÃO DEMOCRÁTICA INTERNACIONAL DE MULHERES

(Adotada por unanimidade)



NOVO PROGRAMA DE UNIDADE NA FORÇA FEMININA CHINESA

Conhecida a heroica contribuires e liquidam a infância pela ação das mulheres chinesas no fome.

avango vitorioso do exército de libertação da China, o mundo inteiro dedica especial interesse aos movimentos femininos que se processam nesse país e não se pode deixar de considerar a importância do trabalho feminino nas vitórias conquistadas até agora.

Compreendendo o valor de maior unidade nas forças femininas chinesas, a União das Mulheres das Regiões Libertadas da China celebrará, na próxima primavera, seu 1.º Congresso Nacional, com a participação das mulheres de todas as regiões libertadas e ocupadas e todos os setores progressistas da população.

A União das Mulheres Chinesas possui 20 milhões de filiadas, todas empenhadas nessa poderosa tarefa do Congresso que as unirá mais estreitamente e num plano nacional, unirá as camadas femininas em luta comum pela vitória da luta de libertação em todo o território chinês.

Assim, o 1.º Congresso da União das Mulheres Chinesas tem uma importância muito grande para a vida da população feminina das regiões libertadas da China e para as populações sob o jugo dos nacionalistas, que o convocam as mulhe-

Que fazer e como agir, eis o que as mulheres chinesas discutirão dentro em breve no seu Congresso Nacional.

A Organização das Mulheres na Itália

As mulheres italianas já passaram por duas guerras; sabem quanto é duro perder filhos, maridos, lares, e por isso lutam incansavelmente pela paz, liberdade de greve, progresso do país, com assistência a educação, hospitais e principalmente a luta pela elevação dos salários, contra as perseguições policiais e o encarceramento de vida. Lutam dentro dos sindicatos e organizações democráticas como a U.D.I., o baluarte das mulheres democráticas em Itália.

Os propósitos da U.D.I. são de unir e educar as mulheres, esclarecendo-as sobre os problemas da vida, do país e do mundo.

Lá estão mulheres de todas as profissões, sem distinção política, religiosa ou racial.

A U.D.I. tem realizado manifestações contra a política de espancamento de Scelba e tanto pela voz de Giva Borelini no parlamento, como em comícios e em sua revista "Noi Donne" protestam contra a desocupação e desemprego forçado de milhares de trabalhadores.

Junto com todas as mulheres progressistas do mundo, as mulheres de Itália estiveram em Budapeste dando o seu protesto contra o massacre das mulheres e crianças gregas, na luta de libertação, firmando assim, cada vez mais, a luta por um mundo de paz e liberdade.

O 2.º Congresso Internacional de Mulheres aprova por unanimidade a atividade da Federação Democrática Internacional de Mulheres durante os três anos transcorridos desde seu Congresso Constitutivo, depois de haver discutido o informe a esse respeito apresentado por sua presidente, a sra. Cotton, e constata que, graças a suas intervenções consequentes pela defesa da paz, da democracia e dos direitos das mulheres, a Federação provou que é atualmente a mais poderosa organização feminina de massas, a que conquistou a maior autoridade junto às mulheres do mundo inteiro.

As delegadas ao 2.º Congresso observam, com satisfação, que a Federação, em sua atividade, seguiu sem embaraço, os seus Estatutos e o Juramento das mulheres adotados no primeiro Congresso em Paris.

Refletindo a vontade das mulheres do mundo inteiro, que amam a Paz, a Federação sustentou sempre energeticamente, as medidas tendentes a garantir uma paz duradoura. Lutou e luta denodadamente para que seja proibida a propaganda de guerra e a que se obrigue as propagandistas e instigadoras de uma nova guerra a responder por seus atos nefastos; para que se apoiem as propostas feitas na ONU pela delegação soviética, relativas à redução de armamentos, à proibição da bomba atômica e de outros meios de extermínio em massa da população civil.

A Federação Democrática Internacional de Mulheres reclamou incansavelmente para que se isole a Espanha franquista e para que se rompam as relações diplomáticas com Franco. Denunciou energeticamente ao mundo, os crimes cometidos pelo governo neofascista da Grécia. A seu apelo, milhões de mulheres de todos os países intervieram para defender e ajudar às mulheres e as crianças da Grécia democrática.

O Congresso aprova igualmente a atividade da Federação e de suas organizações nacionais na sua luta pelos direitos econômicos e políticos das mulheres dos países coloniais e dependentes, na sua luta pela proteção das crianças e de sua educação dentro de um espírito democrático.

O 2.º Congresso Internacional de Mulheres concita a todas as organizações nacionais da Federação para que reforcem sua luta por uma paz duradoura e pela amizade de todos os povos, contra os instigadores de uma nova guerra e contra o fascismo, pelas liberdades democráticas e independência nacional dos povos, contra a intromissão dos imperialistas nos assuntos internos dos outros países e contra o jugo colonial.

O Congresso considera que as tarefas imediatas referentes ao

desenvolvimento e ao reforçamento do movimento democrático feminino internacional em favor da paz, à luta pelos direitos das mulheres e pela defesa da infância, exigem do novo Comité Executivo da F. D. I. M. sua atividade mais energética ainda do que a que tem sido efetuado até agora. Em consequência, recomenda:

a) — dirigir essencialmente seus esforços, no sentido de desenvolver no mundo inteiro o movimento democrático feminino, que deve agrupar a grande massa das mulheres de todos os países.

b) — prestar uma ajuda mais importante às seções da F.D.I.M. que, em virtude das dificuldades com que tropeçam, não desempenham, ainda, em seus países, de um modo suficientemente amplo, o papel que lhes incumbe na organização e na consolidação da luta das mulheres pela defesa de seus direitos.

c) — estabelecer um contacto mais estreito com as seções nacionais, por meio de visitas pessoais das dirigentes da F.D.I.M.

d) — ampliar a colaboração com as organizações internacionais progressistas; organizar ma-

nifestações comuns com todos aqueles que lutam efetivamente para garantir a paz contra os perigos de uma nova guerra;

e) — continuar a luta para que se outorgue à Federação Democrática Internacional de Mulheres o Estatuto consultivo "A", na Organização das Nações Unidas. Reforçar a atividade da Federação no que se refere às suas relações com a ONU, utilizando mais amplamente todas as possibilidades existentes, especialmente por meio do envio, aos organismos da ONU de informações, materiais concretos e outros documentos expressando a opinião e as reivindicações das amplas massas sociais femininas sobre os problemas vitais, que se discutem nos referidos organismos; reforçamento da paz, luta contra o perigo de uma nova guerra, direitos das mulheres e das crianças, direitos democráticos dos povos.

f) — desenvolver a atividade no que se relaciona com a informação e propaganda; publicar mais a miúdo o Boletim de Informações, aumentar a publicação de folhetos popularizando a luta das mulheres.

(Continua no próximo número)



CIANCA POLONESA

BREVEMENTE

GRANDE PEIXADA NA TIJUCA
CONVITES EM NOSSA REDAÇÃO



PAO DE NOZES

INGREDIENTES: 4 xícaras de farinha de trigo; 3 colheres de fermento em pó; 1 colherinha de sal; 1 ovo; 1/4 de xícara de açúcar; 2 xícaras de leite e 2 xícaras de nozes piladas.

Peneire o sal, o fermento e a farinha. Prepare uma gemada com o ovo e o açúcar e vá adicionando aos poucos a farinha, o leite e as nozes piladas. Leve a massa ao forno de pão untada com manteiga. Em 30 minutos o pão está pronto para ser servido.

PAO DE POLVILHO

INGREDIENTES: 3 pires de polvilho peneirado; 3 pires de queijo de minas ralado; 3 ovos; 4 colheres de sopa de manteiga derretida; 1 pitada de sal, e leite (o necessário).

Misture tudo e amasse com o leite até a massa ficar consistente para enrolar com a mão. Faça os pães e leve ao forno bem quente em assadeira untada com manteiga.

PAO DE ALPIM

INGREDIENTES: 1 tablete de fermento dissolvido em uma xícara de água fria; 1 pitada de sal; 2 pratos de farinha de trigo; 1/2 prato de gordura (podendo conter 1 colher de sopa de manteiga); 2 ovos; água morna, e 1 prato de alpim ralado.

Misture os ingredientes e leve ao forno quente em assadeira untada com manteiga.

PAO DE MINUTO

INGREDIENTES: 3 xícaras de farinha de trigo; 1 ovo; 1 colher de sopa bem cheia de pó Royal; 1/2 xícara de açúcar; 1 colher de chá de sal; 2 colheres de sopa de manteiga, e o leite que for necessário.

Peneire juntos a farinha, o açúcar, o sal e o pó Royal. Junte o ovo e a manteiga e misture bem com os dedos os ingredientes secos juntando em seguida o leite suficiente para desprender a massa das mãos. Não amasse senão o necessário para ligar os ingredientes. Faça bolinhos com um dedo de espessura e asse em tabuleiro (forno quente). Fica pronto em quinze minutos.

M O D A S



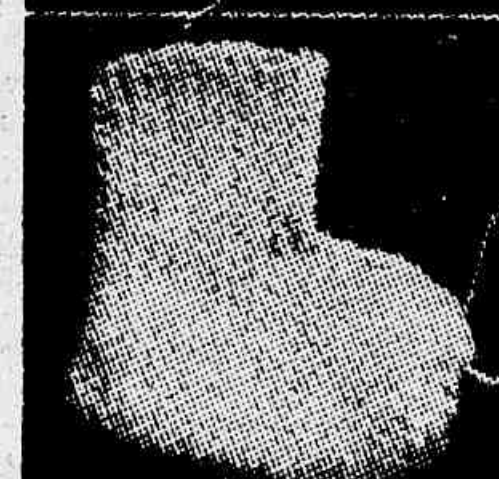
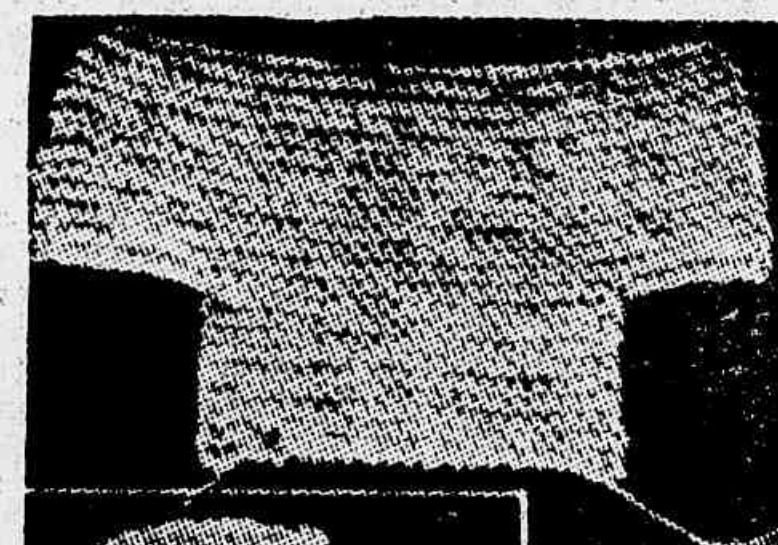
americana. São em fazenda xadrez (uma lâzinha leve) e repare que você amiga, pode fazer de um vestido três toilettes diferentes. Os vestidos de baile continuam arrastando no chão. Nossos modelos jovens de hoje servem a qualquer idade. Fazendas: — sedas pesadas ou lâzinhas leves.

Tricot

UM SAPATINHO SIMPLES

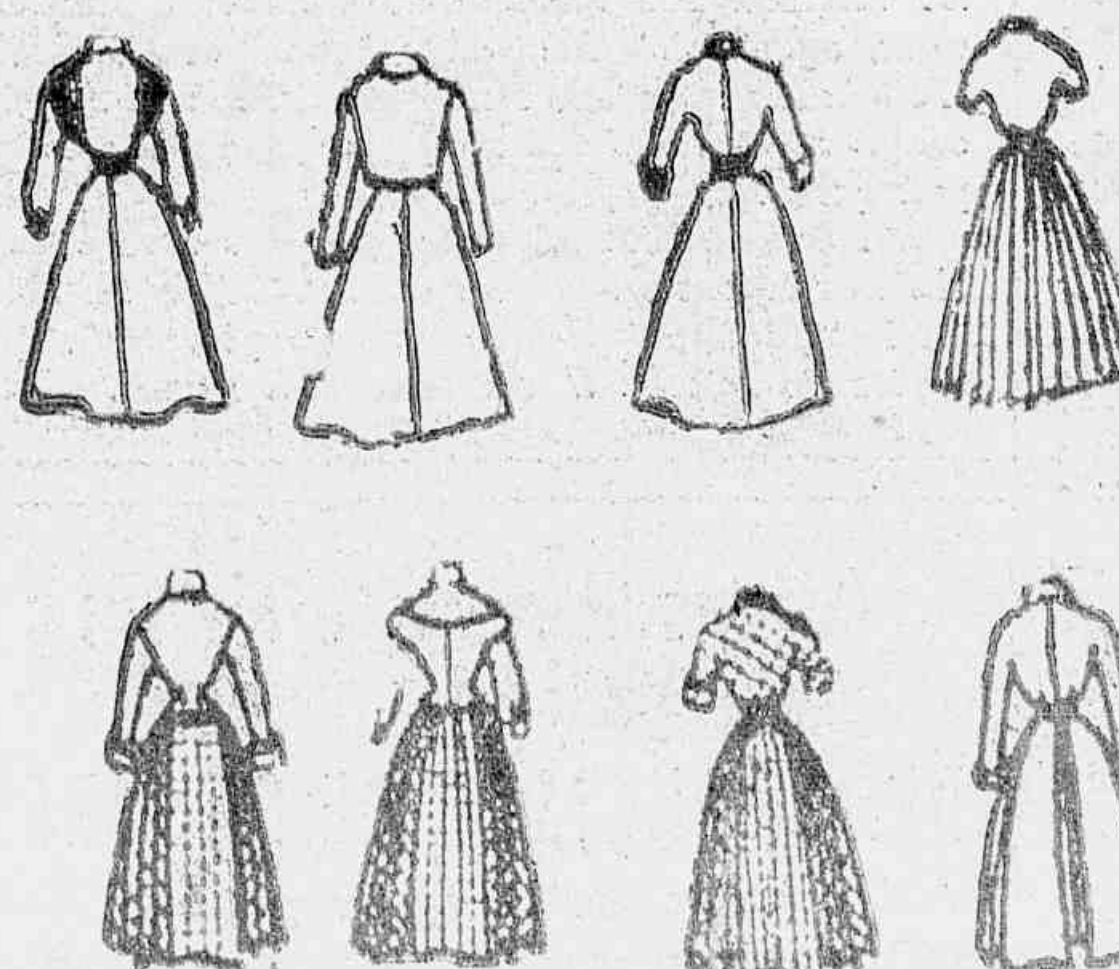
6 cms. aproximadamente (como na figura) continuando os pontos no centro até a medida do comprimento do pé. Feito o tricot é só fazer a costura com a própria lâ para fechar o sapatinho (como na figura) e franzir na ponta do pé. Para terminar é só fazer o arremate com uma carreira de crochê aberto para enfiar uma fita e um biquinho singelo.

Em tamanho maior o modelo pode servir para aquecer os pés da mamãe nas noites muito frias.



Para confeccionar os sapatinhos que hoje apresentamos, é bastante saber o primeiro ponto de tricot, ou seja o ponto "liso" que também chamamos de "avesso".

Assim, é bastante tomar um número de malhas de acordo com a altura da perna desejada para o modelo. Em seguida fazer uma barra de 7,5 de altura e arrematar de cada lado.



Que vestir neste inverno que não chega e o outono brasileiro não se define? Os dias são de temperatura variada e as noites são muito frescas. As saias subiram. Estão no meio da perna (30 c. do chão). Voltaremos ao entravê (saia justa) como quer Paris? Mas os americanos reafirmam as saias amplas. Nossos modelos de hoje guardam a linha da moda

MOMENTO FEMININO NOS ESTADOS

PERNAMBUCO

Alcançou-se em Recife, com extraordinário brilho, o Primeiro Congresso de Mulheres Pernambucanas pela Paz. Os trabalhos tiveram no mais vibrante entusiasmo tendo a sessão inaugural se realizado na sede da JEP, presidida pela srta. Alexina Crespo de Paula, tomando parte na mesa as senhoras Nize Duarte, professora Ofelia Cavalcanti, jornalista Alda Tobias, Neusa Cardim de Barros, Aurea Gois, a vereadora Julia Santiago, e a representante da Associação Evangélica de Pernambuco, srta. Adalgisa de Oliveira. Falaram as representantes de Santo Amaro, Campo Grande, Sítio Novo, Areias, Mangueira, abordando problemas mais aflitivos dos seus bairros, muitos deles "seca, luz, sem água e sem assistência social de qualquer espécie". Terminados os trabalhos, foram eleitas as mulheres pernambucanas que tomarão parte no Congresso Estadual pró Paz realizado em Recife.

A delegação é assim composta: Neusa Cardim, Maria Gomes da Silva, Nize Duarte, Judite de Castro, Maria C. Bral e Odete Ferreira. E também a delegação que representará Pernambuco no Congresso Feminino do Rio de Janeiro: Alexina Crespo de Paula, Maria Gomes da Silva e Odete Ferreira.

Dessa memorável reunião resultou também o aparecimento da União Feminina de Pernambuco destinada a congregar todas as organizações de mulheres do Estado.

primeiro ponto da ordem do dia a luta pela paz.

MINAS GERAIS

AS MULHERES DE JUIZ DE FORA LUTAM CONTRA A GUERRA

O Instituto Feminino de Juiz de Fora continua firme na luta contra a guerra e por melhores condições de vida para as mulheres e suas famílias.

Dando prosseguimento às atividades que, em tal sentido, vêm desenvolvendo, essa Associação promoveu, uma conferência da Presidente da União Feminina de Minas Gerais, com sede em Belo Horizonte, Welbyria Jardim, sob o lema "Luta contra a guerra e a carestia".

Realizada no dia 7 de Março, no grande salão de festas da Escola Normal Ofi-

proferiu, na Capital mineira, uma brilhante conferência contra a guerra. A conferencista, além de transmitir, através suas vibrantes palavras, as grandes experiências que colheu no contato direto com as mulheres de todo o mundo que lutam contra a guerra e a escravização dos povos, trouxe, com a sua presença, novo estímulo às amigas de Belo Horizonte que também lutam pela paz e contra a carestia.

ESTADO DO RIO

Foi realizado no dia 25 p.p. em Niterói na Academia Fluminense de Letras um ato público para a instalação da 1.ª Convenção Feminina pró Paz do Estado do Rio. Às 9 horas foi aberta a sessão por um membro da comissão organizadora, sendo convidados para tomar parte da mesa a 1.ª Secretária da Convenção, srta. Aracy Mendonça, as Presidentes de Honra, sras. Léa Queiroz Martins, Alzira Silveira e Emma Ribeiro Azeite, dr. Paulo Pimentel, presidente da Organização da Paz e Cultura do Estado do Rio, srta. Felisberta Trindade, representante da Juventude Feminina, a vereadora Carmen Bastos e a delegada da Convenção de Duque de Caxias.

Iniciados os trabalhos, foram lidas várias mensagens enviadas às delegadas, sendo a sessão encerrada às 10,30 horas com a convocação dos membros da Convenção para a sessão ordinária do dia 26 às 14 horas.

CABO FRIO

AS MULHERES DE CABO FRIO LUTAM PELA PAZ E POR SUAS MAIS SENTIDAS NECESSIDADES — ORGANIZADAS A COMISSÃO FEMININA PRO-PAZ

Em Cabo Frio, como em todo interior do Brasil, a miséria é grande. As condições do Município são as piores possíveis, ainda mais agravadas pela absoluta falta de trabalho, tanto para os homens como para as mulheres.

O principal trabalho é o das salinas, havendo ainda alguma pesca, trabalho de estiva e armazenamento, o que não dá para empregar a população, que assim se vê a braços com o desemprego permanente e todas as suas consequências.

Ora, nesta situação, as mulheres não têm emprego de espécie alguma e como viver e alimentar seus filhos, como ajudar os maridos? A única saída é a lavagem de roupa; e

é isto que a grande maioria faz. Porém, o que ganham, não dá para alimentar seus filhos, numa média de 3 a 7.

Uma lavadeira ganha Cr\$ 35,00 por mês, lavando roupa para uma família grande e tendo ainda que pagar por sua conta, o anil e o sabão. Outra, com 6 filhos, sem marido, ganha Cr\$ 60,00 por mês.

Como consequência, as crianças são sub-nutridas, fracas e, quando ficam doentes, dificilmente são salvas, pois morrem na quase totalidade dos casos. Casos há de crianças de 4 anos, tuberculosas de ambos os pulmões.

Leite, não conhecem. E se as mães falam nesse alimento básico para a alimentação infantil, as crianças não sabem o que é.

Além disso não há escolas, assistência hospitalar, não há luz e água. A luz é em quase todas as casas de lamparina e a água dos poço ou da chuva.

Agora, a par destes problemas, as mulheres de Cabo-Frio estão empenhadas na luta que é hoje a de todos: — A luta pela Paz, contra uma guerra que iria agravar ainda mais a miséria, a fome, e na qual per-

deriam seus entes mais queridos.

Compreendendo que só muito unidas poderão resolver seus problemas, formaram as mulheres de Cabo-Frio uma Comissão Feminina em Defesa da Paz que, lutando contra a guerra de escravização, levanta também suas mais sentidas reivindicações, agrupando as donas de casa e as lavadeiras do Município, que agora se erguem, no bairro Abissinia, contra o fechamento do único poço lá existente, que além de servir para a lavagem da roupa, serve também para fazer a comida, tomar banho, etc.

A Cia. de Construção Coimbra Bueno, alegando necessitar do local onde o mesmo está instalado, quer fechá-lo, sem contudo, abrir outro nas proximidades. As mulheres fizeram um abaixo assinado e estão dispostas a prosseguir, até conquistarem a permanência do poço.

Como se vê, o sofrimento leva à luta e dessas lutas virão as conquistas.

Sabem as mulheres de Cabo-Frio que a Paz para elas é uma esperança de dias mais felizes para seus filhos.



D. Filomena Gouveia, delegada de Uberlândia ao Congresso Nacional de Mulheres, a realizar-se brevemente



BAHIA

Obteve grande êxito a Convenção Feminina da Bahia realizada durante o mês de março. Várias foram as teses apresentadas todas elas versando sobre os problemas angustiantes em que se debate a mulher baiana vítima da carestia e das mil dificuldades da vida. A Convenção adotou por unanimidade como resolução básica, a luta pela Paz, dizendo: "As mulheres cabe estar na estacada da luta pela Paz, pois são os seus filhos, irmãos, noivos e esposos que vão lutar, servir de carnica para os urubus de guerra"

S. PAULO (Taubaté)

A Associação Feminina de Taubaté promoveu a 13 de março, p.p. uma assembléia destinada ao debate de diversos assuntos que mais interessam as mulheres. Em re esses assuntos salientaram, desde logo, como

cial de Juiz de Fora, a ela comparecendo, além de representantes das autoridades locais, grande número de pessoas, especialmente senhoras. A convite especial do Instituto Feminino, presidiu a sessão a Exma. Sra. Carlota Braga Miranda, Diretora do Instituto Profissional Feminino Eugénia Braga, que, encerrando os trabalhos, fez uma vibrante alocução, conclamando todas as mulheres à luta pela paz, pela fraternidade e o amor entre os povos.

A UNIÃO FEMININA DE MINAS GERAIS NA LUTA PELA PAZ

A União Feminina de Minas Gerais prossegue na luta contra a guerra. Para proporcionar às mulheres mineiras um melhor esclarecimento sobre os perigos de uma nova guerra, tem promovido palestras e conferências, não só na Capital, como no interior do Estado.

Assim é que, a convite desta União, esteve em visita a Belo Horizonte uma das nossas delegadas ao II Congresso Internacional, Feminino, escritora Nair Batista que, no dia 20 de Março,



NOSSO ROMANCE

Iniciamos hoje a publicação de um dos romances mais populares da literatura brasileira: "A MORENINHA" de Joaquim Manoel de Macedo.

Macedo nasceu em 1820 e morreu em 1882. Médico, professor, político, poeta, comediógrafo e romancista deixou uma obra literária de muitos e muitos volumes. Sua maneira de escrever é simples, clara, agradável. Dele disse Ronald de Carvalho: "Falta-lhe apenas um certo colorido, mas é sempre correto no desenho das criações e na descrição das paisagens".

"MORENINHA" foi o seu primeiro livro e está cheio de cousas e tons da época. Publicado em 1844, "A MORENINHA" vem encantando gerações e gerações de leitores. É um romance feminino.

Doenças Nervosas e Mentais
PSICOTERAPIA E ANÁLISE

DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

Professor de Clínica Psiquiátrica
RUA MÉXICO, 41, 9.º AND. — SALA 908
Diariamente

Assim vivemos nós, as camponesas

(Carta enviada á nossa redacção)

Antonieta Nuci Bertolino

A SITUAÇÃO DE 80 POR CENTO DOS CAMPONESES, E A SITUAÇÃO DIFÍCIL DAS INFELIZES ESPOSAS E FILHOS

Ano a ano, vai diminuindo a produção do campo, devido a exploração, dos camponeses, pelos fazendeiros, latifundiários. Eu, mulher brasileira, nasci, criei-me na roça e, hoje, já esposa, já mãe, vejo que crescem os nossos problemas, aumentando nossa desgraça. Mal alimentados os pequeninos, vemos os adultos definharem, mal alimentados, sem tratamento preciso, quando doentes. Isso, viram nossos avós, vemos nós, desde a infância até agora na maioridade, na certeza atroz, de que, iremos legar aos nossos filhos, aquilo que nos deixaram nossos pais. Terão por herança dos pais, a enxada, o amarelão, o Rabo de Tatú do patrão, ou do administrador, o desprezo dos homens públicos, a indiferença dos governos que se sucederem num regime corrompido, e a cadeia, no dia em que reclamarem, contra tudo isto.

A quantidade de crianças mortas, na lavoura, tuberculosas, impaludadas e levadas pelo tifo, fala mais alto, do que nós. Minhas Patrícias, saberão vocês, em que consiste, nossa vida, todos os dias sempre na mesma sequência? Algumas, que lu-

tam contra problemas iguais aos nossos, talvez saibam. Outras, são indiferentes, ao que se chama de problemas da lavoura. Nossas queixas, infelizmente caem no vazio. Somos "desleixados e vadios" para essa gente, infelizmente, brasileira como nós.

Quais são os nossos problemas, como vivemos? Ninguém, nem mesmo os governos, que ajudam a eleger, procuram saber, para nos auxiliar a resolver.

Nunca pensaram em nos recompensar; em nos recompensar não, nunca pensaram, em pagar o justo valor, pelo que produzimos. Lágrimas e suor, têm sido o prêmio, pelo que produzimos, em benefício da terra em que nascemos e que nunca, qualquer que seja a situação, deixaremos de amar, porque, em nossa igno-

rância em meio nossa desgraça, chegará o dia, em que ajudaremos a levantar, o "Gigante, delatado eternamente em berço esplendido".

Para o "Caipira" que levanta às 4 da manhã, toma café ralo e vai para a roça às 5, às 9, vem o almoço: Arrós, feijão e mandioca ou abóbora, mal temperados. Continua a trabalhar até às 13 ou 14 horas, até vir o café. De novo, mandioca, ou abóbora, cozidos com sal e o cafezinho ralo. Farinha de Trigo, Americana, custa Cr\$ 10,00 o quilo. Quando meu marido chega às seis ou sete horas, da noite, cansado como sempre e tremulo de fraqueza, a janta é a mesma: Feijão, arrós e farinha de mandioca. Não pode comer outra coisa, ganha Cr\$ 20,00 por dia.

Calças de brim ruim, descalço, camisa de riscado, feito de pano popular, que o preço é de dois ou três cruzeiros, que nós compramos a cinco e até seis cruzeiros, pois os Prefeitos não fiscalizam. O sol e o suor, acabam com essa roupa, num instante. Mulher da roça, vestida de Chita, chinelos de pano ou descalça, cinco ou

seis filhos, magricelas, amarelados, nós, sem sapatos e definhados por feijão e arrós mal temperados. Mulher da roça, cozinhando mandioca e polenta, antes de ir para rua de café, com a enxada de duas libras, ajudar o seu companheiro de misérias, ganhar os vinte cruzeiros, para comprar, quinino, colírio e lodo, quase sempre falsificados. Mulher da roça, com filho recém-nascido, alimentado com caldo de feijão, porque mãe mal alimentada, não tem bastante leite. E o inocente, que um dia será soldado, do maior país da América do Sul, que trabalhará pelo país chamado Florão das Américas, que derramará suor, na chão da imensa e rica terra onde nasceu, com disposição e alegria, vive agora, a situação crítica, de fome, doença e injustiça. Filho de camponês, nascido em casa de pau a pique, sem assistência e até, às vezes sem parteira, não sabe, que veio da Itália, um Conde, viajando em avião, buscar aquilo, que noventa por cento das crianças brasileiras, não têm.

Senhoras, não mintam, nossa situação é justamente o que escrevo aqui.

O que será de nós? Ninguém nos ajuda. Que fazer quando os homens e até o tempo, são contra nós? Só lembram da gente, nas eleições. Ai, dão churrasco e até um par de sapato. Depois, continua tudo como antes.

Ouvi falar nas Senhoras, mulheres do Momento Feminino, de suas lutas em nossa defesa. Por isso resolvi-lhe escrever. Li vosso jornal e resolvi escrever-lhes esta. O bom moço, que me deu o jornal, vai mandar para as Senhoras, estas mal traçadas filhas, nas quais, vão as verdades, que talvez sirvam para ajudar as Senhoras, na luta contra aqueles que nos exploram.

Pego também por no jornal estes verzinhas que escrevi.

Sem mais, peço a Deus que olhe por todas as Senhoras e ajude na sua luta difícil.

Da admiradora sincera.

Unam-se os Brasileiros, Para fazermos a grande nação. Pois, que um país tão grande e rico...

Com seu povo nesta situação

Quando começa a safra, Diz logo o Tubarão: Este ano [é grande a produção] Vamos ganhar muito dinheiro. [o povo está oprimido] Devemos aproveitar a ocasião.

Compramos a safra toda. Fica tudo em nossa mão, ganhamos mais um milhão. Assim fica-se mais rico, não interessa à nação. Começa nos balanceiros, termina [no patrão.]

Antonieta Nuci Bertolino

CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Laureado pela Academia de Medicina e Sociedade de Medicina e Cirurgia — Consultas com hora marcada — Edifício Cartoca.

A MORENINHA

J. M. MACEDO

Ilustrações de FERNANDO P.

— Bravo! exclamou Felipe, entrando e despindo a casaca, que pendurou em um cabide velho. Bravo!... interessante cena! mas certo que deshonrosa fôra para casa de um estudante de medicina e já do sexto ano, a não valer o adágio antigo: — o hábito não faz o monge.

— Temos discurso!... atenção!... atenção!... ordem!... gritaram o um tempo três vozes.

— Coisa célebre! acrescentou Leopoldo: Felipe sempre se torna orador depois do jantar...

— E dá-lhe para fazer epigramas, disse Fabricio.

— Naturalmente, acudiu Leopoldo, que, por ser dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado; naturalmente, Bocage, quando tomava carraspanas, descompu-nha os médicos.

— C'est trop fort! bocejou Augusto, espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado.

— Como quiserem, continuou Felipe, pondo-se em hábitos menores; mas, por minha vida, que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabricio, que talvez acabe de chegar de alguma visita diplomática, vestido com esmero e alinhado, porém tendo a cabeça encapuçada com a vermelha e velha carapuça do Leopoldo; este, ali escondido dentro de seu robe de chambre cor-de-burro quando foge, e sentado em uma cadeirata desconjuntada que, para não cair com ela, põe em ação todas as leis do equilíbrio, que estudou em Pouillet; acolá, enfim, o meu romântico Augusto, em ceroulas, com as fraldas à mostra estirado em um canapé em tão bom uso que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage (1). Oh! vv.ss. tomam café!... Ali o senhor descansa a xícara azul em um pires de porcelana... aquêlê tem uma chavena com belos labores dourados, mas o pires é cor-de-rosa... aquêlê outro nem porcelana, nem árvores, nem cor-de-rosa ou de rosa, nem xícara... nem pires... aquilo uma tigela num prato...

— Carraspana!... carraspana!... gritaram os três.
— Oh moleque! prosseguiu Felipe, voltando-se para o corredor, traze-me café, ainda que seja no púcaro em que o coás; pois creio que, a não ser a falta de louça, já teu senhor m'o teria oferecido.

— Carraspana!... carraspana!...
— Simf, continuou êle, eu vejo que vocês...
— Carraspana!... carraspana!...
— Não sei de nós quem mostra...
— Carraspana!... carraspana!...

Seguiram-se alguns momentos de silêncio, e ficaram os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogam o sizo. Felipe não falava, por conhecer o propósito em que estavam os três de lhe não deixar concluir uma só proposição, e estes, porque esperavam vê-lo abrir a boca para gritar-lhe: carraspana!...

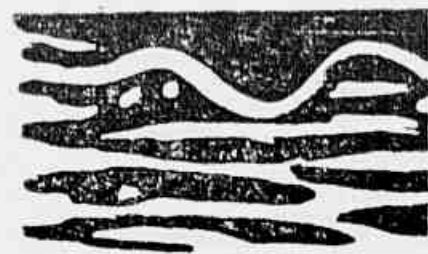
Enfim, foi ainda Felipe o primeiro que falou, exclamando de repente:

— Paz! paz!...
— Ah! já?... disse Leopoldo, que era o mais influido.
— Felipe é como o galego, disse um outro: perderia tudo para não guardar silêncio durante uma hora.
— Está bem, o passado, passado, protesto não falar nunca, nunca na carraspana, nem nas cadeiras, nem na louça do Leopoldo... Estão no caso... sim...
— Ein?... olha a carraspana...
— Basta! vamos a negócio mais sério. Onde vão vocês passar o dia de Sant'Ana?
— Por que?... temos patuscada?... acudiu Leopoldo.
— Minha avó chama-se Ana.
— Ergo!...
— Estou habilitado para convidá-los a vir passar a véspera e dia de Sant'Ana conosco, na ilha de...

(1) — Alude ao tão conhecido epigrama de Bocage:

«Quando a velha antiguidade
«Por estas casas entrou,
«Disse àquele canapé.
«Sua benção, meu avô».

GRAFOLOGIA



"A GUERRA E A INFANCIA"

PARIS, 26 — As crianças foram as vítimas mais lamentáveis da guerra. A UNESCO, mandou organizar um inquérito sobre «A Guerra e a Infância». A doutora Therese Brosse, antigo chefe de clínica da Faculdade de Medicina de Paris, autora de numerosas obras, acaba de publicar os dados fornecidos por diversos organismos governamentais de diversos países que sofreram com a guerra.

Sobre 30 milhões de pessoas deslocadas recensadas na Europa, 7 e meio são crianças. Sobre 18 milhões de pessoas lançadas fora da pátria, 4 milhões e meio são crianças. Por outra parte, cerca de 13 milhões de crianças europeias são orfãs. Dos países visitados pela doutora Brosse, foi a Polónia o que mais sofreu na sua população infantil — 1.500.000 orfãos. Na Hungria, em 1945, havia 200.000 orfãos.

Na Grécia — 380.000 orfãos, dos quais 25.000 com menos de 15 anos. Na Itália, 390.000 orfãos sem lar e três milhões de crianças desabrigadas, no todo. Na França, 250.000 orfãos e 50.000 na Tchecoslováquia. A tuberculose infantil passou de 17,5 por 10.000 para 27,1.

LUIZ WERNECK DE CASTRO - Advogado

Rua do Carmo, 49, 2.º andar
ala 2 — Diariamente, das
12 às 13 e 16 às 18 horas
EXCETO AOS SABADOS
— Fone: 23-1064 —

A RESPOSTA DO VELHO ESCRAVO

Durante a guerra de secessão nos Estados Unidos, um jovem do Norte fazia todo o possível para convencer um velho negro escravo a entrar na luta abolicionista. Mas este, que em sua vida só havia recebido maus tratos e não confiava nos brancos, nada esperando de bom (parecia que estava até adivinhando a situação do negro nos Estados Unidos, mesmo depois da abolição, sua condição atual de perseguido, de vítima de um estúpido ódio racial) não queria arriscar a pele nas batalhas. Impaciente, o jovem branco lhe disse:

— Mas então você não sabe que é por sua causa que estamos lutando?

— Sei, sim senhor, respondeu o negro na sua linguagem incorreta, pois nunca dispusera de meios para se instruir.

— Pois então, como é que nos deixa lutar, e não toma parte na luta?

— O negro velho coçou a cabeça, pensou um pouco, e depois perguntou:

— "Sinhô moço já viu dois cachorros lutando por causa de um osso?"

— "Muitas vezes" — declarou o rapaz.

— "E quando é que já viu o osso lutá?"

— A mais velha, respondeu este, tem dezessete anos, chama-se Joana, tem cabelos negros, belos olhos da mesma cor, e é palida.

— Ein?... exclamou Augusto, pondo-se de pulo duas braças longe do canapé onde estava deitado, então ela é palida?... — A mais moça tem um ano de menos: loura, de olhos azues, faces cor de rosa... seio de alabastro... dentes...

— Como se chama?

— Joaquina.

— Ai meus pecados!... disse Augusto.

— Vejam como Augusto já está enternecido...

— Mas Felipe, tu já me disseste que tinhas uma irmã.

— Sim, é uma moreninha de quatorze anos.

— Moreninha? diabo!... exclamou outra vez Augusto, dando novo pulo.

— E' que este ano já tenho pagodeado meu quantum satis,

— Está sabido... Augusto não relaxa a patuscada.

e, assim como vocês, também eu quero andar em dia com alguns senhores com quem nos é muito precioso andar de contas justas no mês de novembro.

— Mas a palida?... a loura?... a moreninha?... — Que interessante terceto! exclamou em tom teatral Augusto; que coleção de belos tipos!... uma jovem com dezessete anos, palida... romântica e, portanto, sublime; uma outra, loura... de olhos azues... faces cor de rosa... e... não sei que mais; enfim, clássica e por isso bela. Por último, uma terceira de quatorze anos... moreninha, que, ou seja romântica ou clássica, prosaica ou poetisa, ingênua ou misteriosa, há de, por força, ser interessante travessa e engraçada; e por consequência qualquer das três, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma petéca, de meu coração pitorra!... Está tratado, não há remédio... Felipe, vou visitar tua avó. Sim, é melhor passar os dois dias estudando alegremente nesses três interessantes volumes da grande obra da natureza, do que gastar as horas, por exemplo, sobre um célebre Velpeau, que só ele faz por sua conta e risco mais citações em cada página do que todo os meirinhos fizeram, fazem e hão de fazer pelo mundo.

— Bela consequência! E' raciocínio o teu que faria inveja a um calouro, disse Fabricio.

— Bem raciocinado... não tem dúvida, acudiu Felipe; en-

GILDA

tusiasta, afetada e sincera. Tem uma grande força de vontade e uma energia invulgar. Gosta do cinema, do circo, do teatro e das danças. Sua sensibilidade delicadíssima não absorve, todavia, a dolorosa impressão do ambiente em que vive — realmente oposto aos seus ideais. E' caprichosa, esforçada e jovial.

BABY — RIO — Delicadeza de sentimentos. Ternura, bondade, serenidade. Bom gosto e paciência. Tendência para artes decorativas, aspiração de felicidade e compreensão. Isolamento. Melancolia. Imaginação fértil — tendência literária.

TOTO — RIO GRANDE DO

SUL — Sua letra caracteriza uma grande força de vontade, pertinácia, argúcia, bravura e lealdade. Como vê o nosso presado amigo, suas qualidades são excepcionais e sua personalidade, portanto, é bem definida e valorosa.

CANDIDA HELENA — PIRACICABA — Grande serenidade, método, observação e senso estético revela sua letra. Além disso, tendência literária que você deve aprimorar através de boas leituras bem programadas e escolhidas. Também se interessa pelas artes — teatro, música, pintura, etc. E' bem humorada e gosta de gracejar — valendo-se para isso de sua ironia que, todavia, fere fundo. E' muito sentimental e romântica, gostando também dos devaneios e das fantasias de imaginação.

AGRADECIMENTOS

Muito agradecemos a dona Mag-nolia as roupas e calçados que mandou para a nossa seção «Ternura Humana».

Amigas do Distrito Federal (mês de março)	485,00
Donativo	20,00
Donativo (dona Onea)	5,00
3 amigos	500,00

TOTAL Cr\$ 1.010,00

A LETRA REVELA A PESSOA!

Peco um retrato grafológico

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

— Eu vou, disse prontamente Leopoldo.

— E dois, acudiu logo Fabricio.

Augusto guardou silêncio.

— Eu?... eu não conheço tua avó.

— Ora, sou seu criado; também eu não a conheço, disse Fabricio.

— E demais, tornou Fabricio, palavra de honra que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.

— Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.

— Sim?... que idade tem?

— Sessenta anos.

— Está fresquinha ainda... Ora... se um de nós a enfeitica e se faz avó de Felipe!...

— E ela, que possui talvez seus duzentos mil cruzados, não assim Felipe? Olha, se é assim, e tua avó se lembrasse de querer casar comigo, disse Fabricio, juro que mais depressa daria o meu «recebo a vós» aos cobres da velha, do que a qualquer das nossas «toma-larguras» da moda.

— Por quem são!... deixem a minha avó e tratemos da patuscada. Então tu vais, Augusto?

— Não.

— E' uma bonita ilha.

— Não duvido.

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa mas bem escolhida.

— Melhor para vocês.

— No domingo à noite teremos um baile.

— Estimo que se divirtam.

— Minhas primas vão.

— Não as conheço.

— São bonitas.

— Que me importa?... Deixa-me. Vocês sabem o meu fraco e caem-me logo com êle: moças!... moças!... Confesso que dou o cavaco por elas, mas as moças me têm pôsto velho.

— E' por que êle não conhece tuas primas, disse Fabricio.

— Ora... o que poderão ser se não demoninhas, como são todas as outras moças bonitas?

— Então tuas primas são gentis?... perguntou Leopoldo a Felipe.

Nossos garotos

Com um maço de escovinhas de limpar cachimbo, que podem ser encontradas em todas as casas que vendem fumo, você poderá fazer toda uma série de bonequinhos engraçados, que se prestam principalmente para enfeites (de pendurar em automóvel, por exemplo, ou mesmo em enfeites

VAMOS FAZER NOSSOS BRINQUEDOS

Bonecos de Escovinhas de Limpar Cachimbo

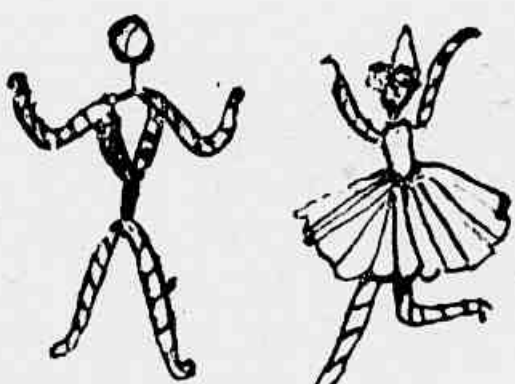
papel estampado, dêsses que se usam nos lanches de aniversário, papel celofane, etc.

MANEIRA DE FAZER: — Damos, no modelo junto, três maneiras de fazer o corpo do boneco.

MAS, NOTEM BEM: — O jeito que vocês derem aos braços e às pernas poderão variar a posição dos bonecos; dobrando-se os braços, erguendo-se para o alto, abrindo-os em ângulo reto, deixando-os descaídos, fazendo-os curvarem-se para a cintura, etc., abrindo ou fechando mais as pernas arqueando-os como as de um

cavaleiro, flexionando-os à altura do joelho, na posição de uma pessoa fazendo suas orações, curvando-se uma e esticando-se a outra, como alguém que esteja correndo ou chutando uma bola, vocês conseguirão efeitos interessantes e de acordo com os personagens que criarem. Uma jovem de sombrinha, por exemplo, ou um maestro erguendo a batuta, um casal de braços dados, uma mãe com o filhinho nos braços, um jogador de futebol, uma bailarina, etc. As roupas é que caracterizarão os personagens.

Para vestir os bonecos, basta franzir o pano, já fechado, para fazer a saia, e as calças dos homens e meninos são feitas de dois quadrados de papel crépon, que se colam um sobre o outro, deixando as pernas do boneco no meio, depois recortando-se no papel duplo as calças, ou, quando se tratar de fazenda, cosendo os dois lados do quadrado, cortando-o pelo meio, verticalmente, e unindo com alguns pontos as duas pernas das calças. Para o corpo, basta enrolar o papel crépon no busto e nos braços dos bonequinhos.



para prateleiras e alto dos móveis, ficando muito bem em par-tos de crianças e em cantoneiras da sala). As escovinhas formarão o corpo e os membros dos bonecos, e as cabeças poderão ser feitas de contas de madeira, pintadas com tinta de esmalte para os olhos, o nariz e a boca, ou de bolinhas de algodão cobertas de fazenda ou de papel crépon. A roupa será feita do mesmo material, isto é, fazenda ou papel crépon, e ainda guardanapos de

Enigmas e Charadas

Tenho folhas, mas não sou árvore,

Uso capa, mas não sou gente,

Digo tudo o que quero, mas não tenho boca.

Quem sou eu?

II

A acuada le ou a ave para satisfação geral. 1-2

Sou a favor da medida de peso nesse plano 1-2

A fruta seca resvalou-lhe pelo queixo na hora de sua morte 2-2

Aqui ele me pregou uma mentira; agindo como um diabinho

III

UMA CHARADA CLASSICA
Vocês conhecem essa célebre charada, das mais perfeitas que existem? Para os que a ignoram, aí a transcrevemos:

Uvas, uvas e mais uvas 2

Terras, terras e mais terras... -2

Conceito: água, água, e mais água.

Respostas das Charadas do n.º 57

Sá-Ling — Salina.

Já-Mais — jamais.

Pé-rito — Périto.

Só-corro — Socorro.

ENIGMAS

Meia-noite ou meia-lua

A escuridão.

A VIDA DE MONTEIRO LOBATO

Queremos escrever hoje sobre um dos maiores escritores da América Latina. A finalidade dos seus livros era levantar o espírito do jovem brasileiro.

No «Poço do Visconde» — ele queria abrir os olhos da mocidade sobre o problema mais nobre de uma nação, problema do petróleo do Brasil e sua exploração pelos brasileiros.

Noutro dos seus livros a «Aritmética de Emilia» ensinava às crianças a aritmética. Mas ensinava de uma maneira divertida.

Em «Emilia no país da Gramática» ele citou o português de uma maneira engraçada que se aprendia sem fazer esforço.

Este grande escritor tem e terá o seu nome gravado na memória das crianças brasileiras



O menino Jorge Alves da Silva

UMA HISTORIA PARA OS PEQUENINOS O GATINHO BIDU

Era uma vez um gatinho muito, muito pequeno; mal tinha aberto os olhos e só sabia arrastar-se no chão, miando, à procura de sua mãe, uma gata malhada, e do calor de seus dois irmãozinhos. Mas, enquanto esses dois irmãos eram uns gatos muito bonitos, brancos, com manchas pretas nas quatro patas, como se estivessem calçados de sapatos e luvas, o nosso gatinho era feio, coitado, feio de meter dó, todo pretinho, magricela, com uma cabeçorra enorme, e ainda por cima com um defeito de nascença numa costela, que o punha meio torto, andando de banda. Por isso, o dono dos gatos não quis saber do pobre gatinho preto, e mandou que o jogassem fora. O pretinho foi separado da mãe e dos irmãos, e jogado muito longe, numa sargeta. Ali ficou, miando, miando, miando de cortar o coração. E no seu miado ele queria dizer: «Sou pequenino, feioso e aleijado. Sou infeliz. Ninguém gosta de mim. Tiraram-me da companhia de minha mãe e de meus irmãozinhos, e aqui estou eu, abandonado nesta sargeta, morrendo de fome e frio. Quem terá piedade de mim?»

Mas ninguém entendia o miado do gatinho feio, e todos se queixavam, nas casas da vizinhança: «Que aborrecimento! Esse gato não pára de miar, não nos deixa nem comer nem dormir em paz. Gato cacete!»

Mas Luizinho, um garoto de sete anos, de coração muito meigo, que não gostava de ver ninguém sofrendo, passou por ali e entendeu o que o gatinho queria dizer com seus miados. Então, sentando-se na calçada, tomou o gatinho nos joelhos, e disse-lhe carinhosamente, alisando-lhe a cabeça: «Eu sei, meu gatinho. Você é feio, preto, aleijado e infeliz. Ninguém gosta de você e por isso o jogaram fora, para que você morresse de fome e frio. Mas eu gosto de você justamente por ser tão pequenino, tão feioso e tão abandonado».

Então levou-o para sua casa, deu-lhe leite, deixou-o num caixotinho e criou-o com muita amizade. Pôs-lhe o nome de Bidu. E, ao crescer, Bidu ficou um gato bem bonito, embora ainda pisasse meio de banda, e foi um grande amigo do Luizinho. E Luizinho, cada vez que olhava para ele, pensava: «Fui eu que salvei esse bichinho de uma triste morte». E sentia-se muito alegre e feliz.

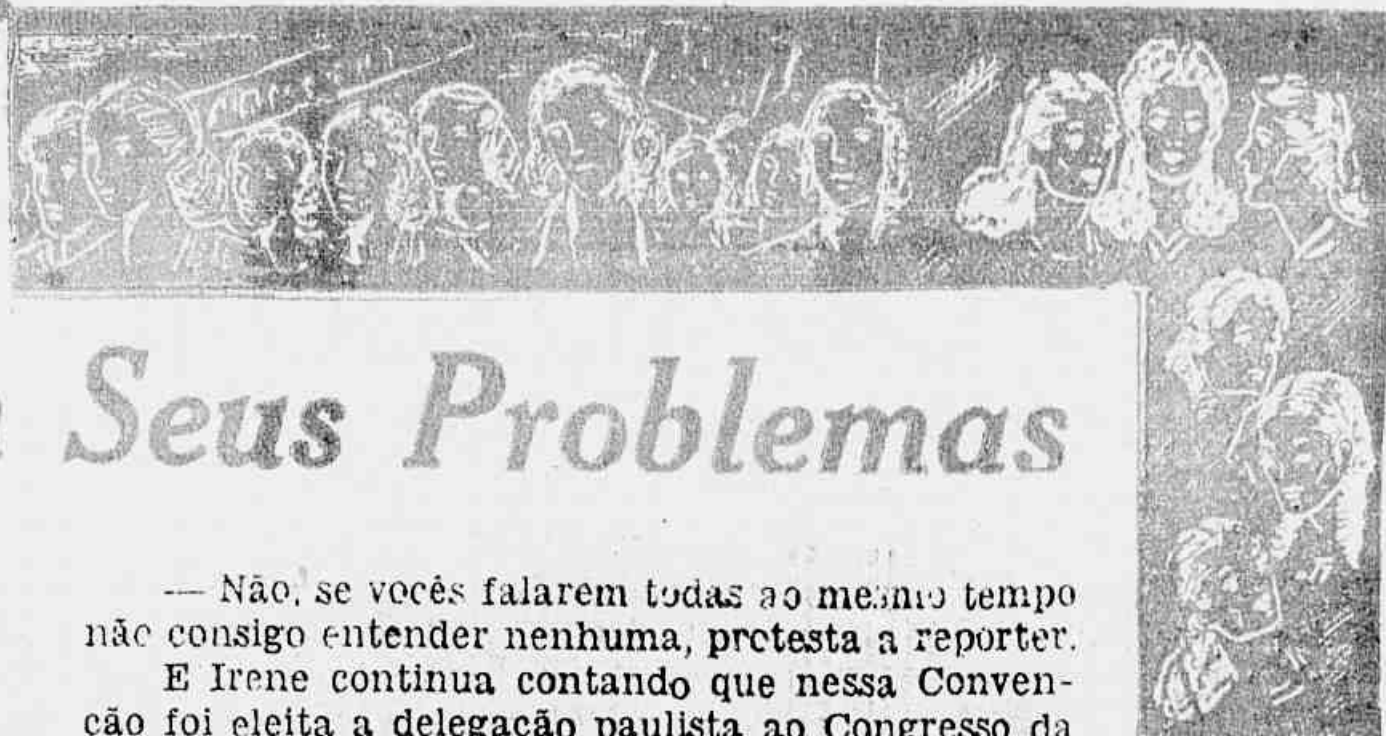
que ele sabe enriquecer com as suas pro gravado entre os dos escritores narrativas. Grande Monteiro Lobato — Osvaldina Vêras batou o teu nome ficará para sem-Alcantara — CEARA.



as Santos brincou no Carnaval

AS MULHERES

Sentem e Vivem Seus Problemas



Foi uma alegria para esta reporter encontrar num dia daqueles, tão triste e tão sombrio para a história política da cidade, aquelas seis mulheres de sotaque diferente mas de linguagem mto parecida. Duas vinham de S. Paulo-capital: Irene Funcia e Severina Brito — uma estudante e uma tecelã. Vera Pinto Teles viera de Campinas onde é vereadora pelo PTB. Dulce Ortiz Batalha falava com a voz arrastada dos filhos de Taubaté. Filomena Melazo Gouvea é de Uberlândia e completava o grupo — loura, alegre e falando muito ganchescamente, Leonor Scliar. Elas vieram de seus Estados, eleitas para representá-los no Congresso da Paz. Algumas tiveram como prêmio a prisão. Mas estavam demasiadamente conscientes de seu valor para se deixar abater. E nossa conversa começou sem preocupação de reportagem. Esta só nasceu depois com a vontade de tornar conhecidas essas mulheres inteligentes, ativas e destemidas.

Irene Funcia é estudante. Menina ainda, fala com toda a força de uma juventude sadia e estudiosa. Conta-nos que em sua cidade o movimento feminino está surgindo agora. E, vai dizendo:

— Você conhece S. Paulo? E' a cidade mais bonita do Brasil. (Pode-se lá falar com uma paulista sem ouvir...?) E nem queira saber como as mulheres estão despertando por lá. Imagine que temos agora até nosso jornal, órgão da Federação das Mulheres do Estado de São Paulo. Vamos mandar para vocês verem.

— E a Federação, como nasceu?

— Grupos de bairros criados através de visitas domiciliares, de palestras e de comícios em concentrações femininas, se reuniram e promoveram a Convenção. As mulheres paulistas foram para essa convenção com vontade de discutir seus problemas. Vida cara, falta de transportes, falta de iluminação, de calçamento, esgotos, falta de casas, o célebre problema das "luvas", tudo isso foi por nós debatido, analisado.

— Transporte em São Paulo é um flagelo, diz Vera, ajudando a conterranea.

— Mas as condições de trabalho é que são horribéis, vai dizendo Severina, que é operária tecelã.

— Não, se vocês falarem todas ao mesmo tempo não consigo entender nenhuma, protesta a reporter.

E Irene continua contando que nessa Convenção foi eleita a delegação paulista ao Congresso da Paz e à Conferência Feminina. Agora sim. Agora poderemos trabalhar organizadas e unidas.

— Se você soubesse como ganhamos pouco, diz Severina: imagine que não temos refeitórios nem creches. Na maioria das fábricas de tecidos de S. Paulo o proletariado é mulher e recebe salário menor que o do homem. A maioria das mulheres paulistas que compareceu à Convenção foi de tecelãs. Eu mesmo conto uma história dolorosa. Trabalho em dois teares de 2 metros de largura. Ganho de Cr\$ 400,00 a Cr\$ 600,00 mensais. A maioria ganha como eu. Suportamos o meu humor e o despotismo dos "mestres"; há quatro anos que sou tecelã. Pois bem: há quatro anos que ganho aproximadamente o mesmo ordenado. Depois há ainda outros problemas sérios: o fio geralmente não presta e rebenta a toda hora. O trabalho assim não rende. Não há espanadores se ganha sempre é cadeia. O aumento não vem. A maioria das operárias tem filhos e cadê creches? Muitas delas não têm hora para o almoço.

Irene entra no assunto: — E o trabalho dos menores? Imagine que muitas das fábricas de tecidos paulistas exploram escandalosamente o trabalho do menor. Há fábricas, como a Jafet, no bairro do Ipiranga, na qual os menores trabalham com o uniforme do grupo escolar. Saem da escola para a oficina porque os pais não ganham o suficiente para sustentá-los.

Severina é operária na Fiação e Tecelagem Eliana S. A. na Mooca. Ale mde operária é dona de casa, o que significa sair exausta do trabalho e entrar em filas.

— As filas em S. Paulo começaram, diz ela. E a da carne, essa nunca acabou...

Vera começou a falar-nos em Campinas, sua cidade que tanto ama. Julgamos melhor pedir-lhe uma colaboração para nosso jornal.

— Vera, escreva sobre sua cidade. Conte-nos como vai a vida por lá.

Nossas leitoras encontrarão, em outro lugar deste número de MOMENTO FEMININO, a narrativa dessa vereadora que tanto luta em sua cidade pelos direitos da mulher e pela felicidade dos lares e das crianças.

—E Taubaté, Dulce, as coisas lá são melhores?

— Qual o que? Temos em Taubaté uma associação feminina e realizamos nossa Convenção antes de irmos a S. Paulo. Muitas e muitas foram as teses das mulheres de Taubaté e todas elas clamavam pela necessidade da paz. Está claro que a vida naquela nossa Cidade é igual às demais em necessidade, sendo que nós não temos nem sequer água filtrada. Creches só para crianças de 1 e 2 anos, e você sabe, na primeira idade é que a mãe mais precisa de creche. Nas fábricas, como lhe disse, não há água filtrada e não são aceitas as mulheres que têm filhos. Não há refeitórios. E há coisas monstruosas como por exemplo o caso da Fábrica Embaré que só paga por tarefa para não ter que pagar o salário mínimo. Em nossa Convenção tivemos uma camponesa cuja tese foi impressionante. Imagine campos de arroz cuja colheita é feita com água até a cintura.

— No Rio Grande também é assim, diz a menina Scliar.

— As camponesas, retorna Dulce, alimentam-se de café com açúcar preto, feijão com farinha e nunca viram leite. Isso tudo examinamos pela primeira vez em nossa Convenção e levamos para S. Paulo uma série de teses, principalmente sobre o IAPI que não atende em absoluto os desejos das mulheres suas associadas.

O tempo estava curto. As seis delegadas estavam sendo esperadas em lugares diversos para jantar. Filomena teve apenas tempo de dizer-nos que em Uberlândia elas realizaram uma belíssima Convenção e que as mulheres estão conscientes de seu papel.

A menina Scliar vai contar-nos o que há pela sua cidade em artigo separado.

